

Atraso Secular

Nos países capitalistas desenvolvidos, escola pública é luxo caro. No Brasil há um enfoque errado da questão, principalmente por parte da classe média, que desertou em massa da escola pública, preferindo matricular os filhos em escolas particulares e passou a exigir que essas escolas mantenham ensino bom e mensalidades baixas.

O foco da discussão não é esse. O que se deve reivindicar é que o governo faça o que determina a Constituição, e que é uma das razões primordiais de sua existência: garantir ensino universal, gratuito e leigo ao conjunto da sociedade, independente de classes.

Países como a França e os Estados Unidos adotaram essa prática no século 19 e é lamentável que, às portas do século 21, o Brasil ainda mantenha atraso secular e não seja capaz de garantir ensino de boa qualidade às suas crianças e adolescentes, preparando-as para a vida profissional, a universidade e, em ambos os casos, para a cidadania.

A educação não pode ser vista pelo Estado apenas como negócio. Quem abre uma escola particular não está, na maioria das vezes, pensando em fazer filantropia. O objetivo é o lucro e não há nada de errado, desde que haja quem se disponha a pagar e exista vaga pública.

A situação da escola pública começou a agravar-se nos anos 60 e 70, com a crescente desvalorização da carreira do magistério. O Brasil nunca conseguiu universalizar seu sistema de ensino, mas desde o Império havia preocupação com a qualidade. Diz-se que o impe-

rador ia, pessoalmente, assistir às provas do colégio que mais tarde ganharia o seu nome e se tornaria referência nacional do ensino.

Com professores ganhando cada vez menos, a carga horária progressivamente reduzida, agravada por faltas e greves constantes, e mecanismos de aprovação automática sob pretexto de evitar a evasão escolar, o sistema foi piorando e, com a debandada da classe média, entrou na crise em que está hoje.

Com a recessão, tornou-se cada vez mais difícil para a classe média manter filhos na escola privada. Qualquer atualização de preços enfrenta grande resistência de pais de alunos, enquanto as raras escolas públicas de bom nível são disputadas a unhas e dentes, ao mesmo tempo em que a maioria dá aulas *pro-forma* e não consegue, em muitos casos, sequer alfabetizar direito os seus alunos.

O afastamento dos usuários da classe média, mais influentes e capazes de mobilizar as autoridades, criou um tipo de "escola de pobre" com serviços em declínio, qualidade ruim, falta de segurança e sem compromisso ou entusiasmo com a atividade. A opinião pública precisa acordar e exigir que o governo cumpra o seu papel e deixe a escola privada entregue às leis do mercado, o que, provavelmente, fechará a grande maioria dessas instituições, em geral de má qualidade, só sobrevivendo as de padrão de ensino excepcional ou extremamente especializadas. Essa é a realidade das sociedades que dão certo. O resto é miopia política.